

## As exéquias de D. João V e a aclamação de D. José I, segundo o testemunho de um comerciante de Lisboa

Angelo Alves Carrara  
UFJF/CNPq  
carrara@pq.cnpq.br

Lucas Nascimento Moreira  
Graduando do Curso de Ciências  
Econômicas – UFJF  
lucas.nasc.m@gmail.com

Livros de contabilidade não são propriamente uma fonte usual entre os historiadores. Constituem mesmo fontes raras, até em estudos de história econômica. Afinal de contas, não se espera que os registros contábeis de um comerciante possam contar outro tipo de história que não a do seu próprio negócio e, por extensão, do ramo de comércio em que ele atua. Volume e flutuação dos preços das mercadorias negociadas, clientela, formas de pagamento e crédito são, em geral, os temas inevitáveis.<sup>1</sup> É por isto que causa muita surpresa que, nas páginas de um livro de contas correntes, encontremos o testemunho de um comerciante de Lisboa, dos meados do século XVIII, sobre os funerais de D. João V e a aclamação de D. José I. Ainda que ocupe apenas três páginas e meia do documento, é notável que a descrição dos eventos revista-se de relativo detalhamento.<sup>2</sup> Além da transcrição do testemunho, apresentamos uma quase tradução do relato, em virtude do caráter *sui generis* da escrita desse comerciante.

O documento, do qual a presente transcrição foi extraída, corresponde a um dos dois livros de contas correntes de uma sociedade de mercadores sob custódia na Torre do Tombo, em Lisboa, e constitui a fonte principal de uma pesquisa desenvolvida por Lucas Nascimento Moreira, que tem por objeto o comércio de couros em Portugal na primeira metade do século XVIII.<sup>3</sup>

É possível que as notícias do gênero publicadas pela Gazeta de Lisboa, na mesma época, tenham servido de modelo para descrição feita por Pedro Mendes.<sup>4</sup> Mas, se os registros contábeis não oferecem

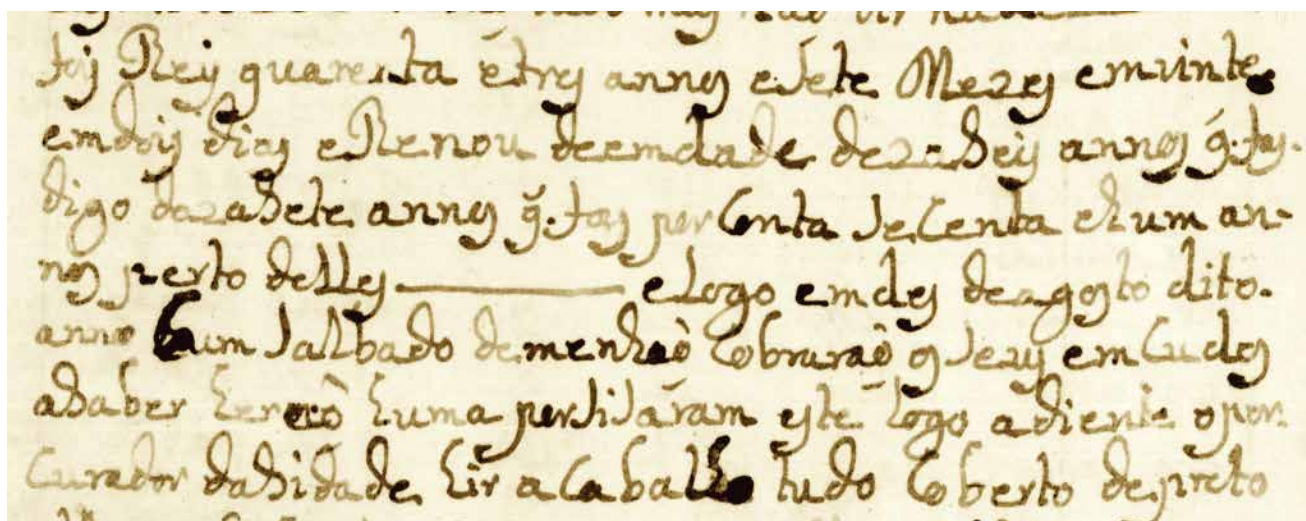
1 Um exemplo recente: Alexandra Maria Pereira. *Um mercador de Vila Rica: atividade mercantil na sociedade do ouro (1737-1738)*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008. Além dessa dissertação, há poucos estudos que podem ser invocados. Em especial, os seguintes: Frédéric Mauro. *Nova História e novo mundo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1973, pp. 149-176; Virgínia Rau. *O "livro razão" de Antônio Coelho Guerreiro*. Lisboa: 1956; Joseph C. Miller. "Capitalism and slaving: the financial and commercial organization of the Angolan slave trade, according to the accounts of Antonio Coelho Guerreiro (1684-1692)". *The International Journal of African Historical Studies*, Vol. 17, No. 1 (1984), pp. 1-56.

2 Uma grande incógnita é o motivo de estes registros se encontrarem junto da documentação da Alfândega. São os únicos do gênero em meio aos milhares que fazem parte desse fundo documental, e sua relevância, bem como a observação quanto à descrição das exéquias em honra de D. João V e a cerimônia de aclamação de D. José, não passaram despercebidas dos autores do inventário do fundo documental. Paulo Manuel Tremoceiro e Joaquim Abílio Ferreira Machado. *Alfândegas de Lisboa*. Lisboa: Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, 1995, p. 39.

3 Arquivos Nacionais/ Torre do Tombo. Alfândegas de Lisboa/ Alfândega Grande do Açúcar/ Registro de apontamentos da sociedade de mercadores constituída por Pedro Mendes da Costa e Matias Jorge Mendes, livro 626, fols. 91-92v.

4 Cf., por exemplo, a notícia das exéquias de Jaime de Melo, terceiro duque do Cadaval, ocorrida em 29 de maio de

grandes dificuldades de entendimento em virtude do seu caráter relativamente bem normatizado, desde há muito tempo, a narrativa dos eventos mencionados, ao contrário, revela uma forma de escrita que exige um considerável esforço de interpretação. Daí a decisão de apresentar, além da transcrição, uma quase tradução do texto. Isto porque o comerciante Pedro Mendes da Costa parece expressar-se num português que se afasta muito do usualmente encontrado em documentos dessa natureza. Não se trata apenas de diferenças na grafia das palavras, mas no que diz respeito à sintaxe mesmo. O documento, que ora se publica, constitui, portanto, o testemunho não apenas de um evento de inegável impacto nos meios políticos portugueses, mas de uma forma de escrita que talvez suscite o interesse dos estudiosos da história da língua portuguesa. Apesar de não pretender-se, aqui, fazer uma análise minuciosa dos elementos textuais da descrição, é importante chamar a atenção para alguns de seus aspectos mais comuns. Destaca-se, por exemplo, a recorrente indistinção na grafia das vogais "e" e "o"; com menor frequência, entre "e" e "a". A letra "a" pode também ser confundida com o "u". Há duplicação do r (horras *pro* horas, feyrra *pro* feira); há frequente indistinção entre maiúsculas e minúsculas; indistinção quanto ao uso do s como plural ou como simples encerramento de palavras; e completa ausência de sinais de pontuação, substituídos algumas vezes por traços longos. A figura 1 ilustra uma passagem, para o leitor avaliar a peculiaridade da escrita de Pedro Mendes da Costa:



Transcrição:

[fol. 91]

Em trinta e hum de julho de mil e sete centos e sincoenta annos faleceo o Nosso Rey Na ul[t]ima xesta feyrra em dia de Santo Ignacio detrade pellas sete horras em vinte e mjlutes e foy supultura em – treis de agosto dito anno a primeyrra segunda feyra dº Mes a Noyte pellas honzas horras no covento de Sam vicente de forra o qual – pize-

1749, na Gazeta de Lisboa, n. 23 (10 de junho de 1749), pp. 450-452, ou a própria notícia das exéquias de D. João V: Gazeta de Lisboa (11 de agosto de 1750), pp. 629-632. Os exemplares acham-se disponíveis em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Gazetadelisboa/Gazetadelisboa.htm>. A bibliografia sobre as exéquias é discutida por: Ernesto Soares. As exéquias de D. João V. Feira da Ladra, Lisboa, vol. 4, n. 4 (1932), pp. 145-154; José Manuel Tedim. "Morte, poder e espetáculo barroco nas exéquias de D. João V". In: III Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. Évora-Cáceres, 21-24 de fevereiro de 1995. Évora: Universidade de Évora, 1997, pp. 71-77.

r[ã]o por todas as Ruas per dito defunto passou todos os Rege-  
Mentos eflerem e todas a commonidades e todos os Padres  
das freguezias tambem emfilerras – asistirão oSeu em-  
trerão tuda a corte emlogo adiente todos os preterros Mo-  
ssos da calha todos a cavalhos e todos cobertos de pertos com-  
capas cahir athe o xão logo atras todos os fidagos das M-  
esmas as<sup>a</sup>thas A dois a dois tambem todos corbertos de pertos  
acapas compirras athe oxaõ a cavalhos logo atras delles  
todos os beneficiados daSee Nova etodos os Conigos da d<sup>a</sup>  
see atambem a cavalhos dois as des todos cerbertos de perto  
os d<sup>o</sup> conigos e BeneBisiados com seu Roquetas todos ves-  
tidos cada hum delles com sua toxas daMaõ quatando o M-  
iserem em – logo atras hir hum coxhe todo coberto de  
Biludo Perto emdentro hir o corpo de Nosso Rey logo a-  
tras deste hir tres coxes ditos de estados tambem todo co-  
berto de perto logo atras de tudo isto seguirem todos os R-  
egementes em filerem p<sup>a</sup> dar as suas tres salvas he q com  
custeu seu entrerão tudo mas não vir nada \_\_\_\_\_  
foi Rey quarenta e tres annos e sete Mezes em vinte  
em dois dias e Renou deemdade dezaseis annos q fas  
digo dezasete annos q faz por conta secenta e hum an-  
nos perto delles \_\_\_\_\_ e logo em des de agosto dito-  
anno hum salvado de menhão cobrarão os seus emcudos  
aSaber heraõ huma persisaram este logo adiente o per-  
curador daSidade hir a cavallo tudo coberto de preto  
athe o xão com sua capa compirem athe oxaõ com seu em-  
tergarte deRatos athe xão logo atras todos os sordados  
q tinha servidos da cozinha as dois as dois com suas capas  
[fol. 91v.]

capas compriras athexão com suas varas pertas damão  
logo atras todos hir tres Juis dos orfos todos com suas capas ca-  
hir athexão todos pertos cada hum delles levava damaõ  
humas armas Riais todas pertas e logo atras atras tudo oSi-  
nado da Carma tambem dois as dois todos hir de filerras  
p<sup>a</sup> Ruas dassidades probubicas e fizeraõ tres tiratos todos  
cobertos de pertos aSaber huma do Rexio e outra do Largo  
da capella e outra da Rua Nova q he as tres parsas porb-  
icas em cadahuma dela digo deste tiarto todos aRedor-  
dellas os sededois subio hum do Juis dos orfos por sua ves  
o qual dezia estas parlvras sorarem lobres sorarem  
povo q Merreo o Nosso Rey Nosso Senhor D. João qu-

into aSim como deziraõ esta palavras logo cobrava os-  
escudo q levarem damão botava daxão asim precia-  
va hir todo dealla athe o sinado da Carma aRacolherem-  
\_\_\_\_\_Logo aquim pordiante comisarão todos os coventos  
fazer as suas emzecas os seus oficios de corpo prezente  
peralma de Nosso Rey com toda agrandeza e presipal  
mente – em trinta e trinta hum da agosto dº anno fizeraõ  
os conigos de Santa Maria huma grande emzeycas com gra-  
nde Mazello detudo os custo toda a lgrª de perto athe  
a porta da Rua com suas targues grandes postas com m<sup>tas</sup> fi-  
gurras com grande os oficio de nove lecois com quatro corroS  
de Muzicas tudo com grande estrandão q pregou as di-  
tas eszecas o Padre themoto Morerem da Companhia de  
JeSus grandem<sup>te</sup> aSistiraõ toda a corte e toda a nobreza  
em<sup>ta</sup> gente q gastarão o dº conigo a dita foncaõ dois con-  
tos e seis centos mil reis q seu sirmão hade sahir empre-  
zão\_\_\_\_\_Logo a dois de setembro dito anno também fi-  
zerão aminha ordem theceyrira de Sam Francisco daSida-  
de grandes emzecas per dito Nosso Rey com grande ma-  
zerão comtoda algrª perta de tudo os custo com m<sup>tas</sup> gan-  
de targas athe aperta toda com dois corros de MuzicaS  
fez osermão deste dia o Meu comisario da dª minha ordem  
[fol. 92]

grande m<sup>te</sup> tambem sarem empreso q tambem asistir[ao]  
toda a corte q gastaraõ a esta funcaõ tres mil curzados  
\_\_\_\_\_Logo em tres dito mes tambem os Padres da Compa-  
nhia de Sam Roque fizeraõ grandes esmzecas tambem  
grande mazelho com toda algrª amirem de perto athe  
aperta comSuas trages pergaraõ o Padre apolito da dita  
Companhia tambem o seu sermão hade sahia empresso  
\_\_\_\_\_Em 10 de agosto de 1750 pellas da manhaã  
em dois horras depois da missa Neste susudeo desta sidade  
hum grande emsendo do fogo do ospital Rial de todos-  
santos q comou todas as femeriras e toda algrega todas  
as cazas q foy do espiltal Real q eu não vir outra naõ  
hende ver\_\_\_\_\_asim mais em sete de setembro de 1  
750 se fez desta sidade com grande agragreSa com gra-  
nde estrondo comgrande alegria por todo o povo a cara  
macaõ do Nosso Rey Novo Snor D. Joze primeyrro fese  
grande Baranda toda comprira athe o corpo da grande  
toda bem amarada comm<sup>ta</sup> boa amarcaõ hove m<sup>ta</sup> festas

este dia por todas aSigr<sup>as</sup> e todos coventos desta corte hove aSua Missas do espirito Santo com oSantissimo Sacram<sup>to</sup> deesposto foy a entrada sua a caramacaõ q aSistiraõ todos o Regementos toda a carmara de sinaldo a d<sup>a</sup> Baranda e toda a corte tambem e todo o seu povo q foy aSua entradra adiente os Rey armas e logo atras toda a corte todos vestidos de galha e logo atras os tres cardiares e logo atras o Nosso Rey vestido com sua capa Branca esima com sua urna e carnada toda lavrada de ourro com hum cucal de purmas da cabessa damão com seu serto de ourro ope delhe os seus pagues q hir pegando da calda estes he o conde varão e conde atalaia e logo ope delhe o seu alferes Mor q seu estradarte este he o conde valdeReis a parte esquerda e logo a parte dereyte o Nosso enfante Dom Pedro levava da mão oSeu alfamgem e logo atras os dois enfantes Dom [fol. 92v.] [An]t<sup>o</sup> e Dom Manoel e logo atras tudo isto [?]ar[?]a toda o [S]inado logo atras de tudo isto o seu Juis de povo q foy [lo]go daSua emtrada foy grande alegreria com m<sup>tas</sup> corb[e]rtras a lebalhos e logo depois de tomar o seu Jurram<sup>to</sup> logo o Seu povo deraõ o seu alvirto q deraõ tres alvirto e logo vieraõ seguindo todos da mesma sorte athe a porta da Igr<sup>a</sup> logo foy recebydo seg[?] emcorpo de corainid<sup>a</sup> toda a Baz[?]capa[?]do [?] [?] h/la damas e logo de trade aNoyte ouve m<sup>ta</sup> festa e m<sup>tas</sup> luminaris e deraõ todos Navios e fortunezas sete salvas e toda a lecão emtreguas fizeraõ as suas foncão bem mais não custou Nada\_\_\_\_\_

Leitura proposta<sup>5</sup>:

Em 31 de julho de 1750 anos, faleceu o nosso rei na última sexta-feira, em dia de Santo Inácio, de tarde, pelas sete horas e vinte minutos<sup>6</sup> e foi [à] sepultura em 3 de agosto [do] dito ano, [n]a primeira segunda feira [do] dito mês à noite, pelas onze horas, no convento de São Vicente de Fora, o qual pisaram por todas as ruas p[elo] dito defunto.<sup>7</sup> Passou [sic] todos os regimentos em fileiras e todas as comunidades, e todos os padres das freguesias também em fileiras – assistiram o seu enterro toda a corte, e logo adiante todos os porteiros [e] moços da \*Casa/\*Câmara<sup>8</sup>, todos a cavalo e todos cobertos de preto, com capas [a]

5 As palavras ou expressões para as quais não encontramos alternativa consistente acham-se entre chaves.

6 Segundo a notícia da *Gazeta de Lisboa*, o óbito ocorreu às 19:05.

7 Segundo a *Gazeta de Lisboa*, nessa segunda-feira, o corpo foi levado para a Basílica de Santa Maria "e todas as comunidades religiosas, (ainda as isentas de acompanhar enterros) e todo o clero ... depois, se repartiram pelas ruas destinadas ao trânsito do seu enterro".

8 A transcrição não oferece qualquer dúvida: "calha". As leituras propostas, contudo, pareceram-nos mais de acordo com a descrição do evento na *Gazeta de Lisboa*, que igualmente grafia "Cana", em lugar de "Casa", no caso dos porteiros, e Câmara, no caso dos moços (cf. a nota 9).

cair até o chão. Logo atrás, todos os fidalgos das mesmas {as<sup>a</sup>thas}, dois a dois, também todos cobertos de preto e capas compridas até o chão a cavalo. Logo atrás deles, todos os beneficiados da Sé Nova e todos os cônegos da dita Sé também a cavalo, dois a dois, todos cobertos de preto. Os ditos cônegos e beneficiados com seus roquetes todos vestidos, cada um deles com sua tocha de mão, cantando o *miserere*. Logo atrás ia um coche todo coberto de veludo preto e dentro ia o corpo de nosso rei. Logo atrás deste iam três coches ditos de Estado também todos cobertos de preto. Logo atrás de tudo isto seguiram todos os regimentos em fileiras para dar as suas três salvas.<sup>9</sup> É que com custo seu entraram todos, mas não vi nada.

Foi rei 43 anos e sete meses e 22 dias e reinou de idade de 16 anos, que faz – digo, 17 anos, que faz por conta 61 anos perto deles. E logo em 10 de agosto [do] dito ano, um sábado de manhã, quebraram os seus escudos, a saber: {eram uma precisaram este}<sup>10</sup> logo adiante o procurador da cidade ia a cavalo todo coberto de preto até o chão com sua capa comprida até o chão, com seu estandarte [?]<sup>11</sup> até [o] chão; logo atrás, todos os soldados que tinham servido na cozinha de dois em dois, com suas capas compridas até [o] chão, com suas varas pretas de mão; logo atrás [de] todos iam três juízes de Órfãos com suas capas [que] caíam até [o] chão, todos [de] preto; cada um deles levava na mão umas armas reais todas pretas, e logo atrás [de] tudo o Senado da Câmara também de dois em dois; todos iam em fileiras para as ruas da cidade públicas, e fizeram três teatros, todos cobertos de preto, a saber: uma, no Rocio e outra do largo da Capela e outro da rua Nova, que são as três praças públicas, [e] em cada uma delas, digo deste teatro, todos os cidadãos ao redor delas, subiu um dos juízes de Órfãos por sua vez o qual dizia estas palavras: “chorai, nobres, chorai povo, que morreu o nosso rei nosso senhor D. João V”. Assim como diziam estas palavras logo quebrava os escudos que levaram na mão [e] botavam no chão.<sup>12</sup> Assim principiavam [a] ir todos de lá até o Senado da Câmara a recolherem. Logo [d]aqui por diante começaram todos os conventos [a] fazer as suas exéquias, os seus ofícios de corpo presente por alma de nosso rei com toda a grandeza e principalmente em 30 e 31 de agosto [do] dito ano fizeram os cônegos de Santa Maria umas grandes exéquias com grande zelo<sup>13</sup> {de tudo os custo} toda a igreja de preto até a porta da rua com suas traves grandes postas com muitas figuras, com grandes ofícios de nove leções, com quatro coros de músicas, tudo com grande estrondo, [pois] que pregou [n]as ditas exéquias o padre Timóteo Moreira, da Companhia de Jesus, grandemente. Assistiram toda a corte e toda a nobreza, e muita gente, que gastaram [com] o dito cônego [n]a dita função 2:600\$000 réis, que [o] seu sermão há de sair impresso.<sup>14</sup> Logo a dois de

9 Segundo a *Gazeta de Lisboa*, a ordem no acompanhamento era a seguinte: os seis porteiros da Casa do Número; os dois corregedores do Crime da Corte; todos os títulos e fidalgos que têm ofícios na Casa Real com as suas insígnias; os grandes; os presidentes dos tribunais; o regedor das Justiças com o seu bastão na mão; os cantores, capelães, beneficiados e cônegos da Basílica Patriarcal, todos a cavalo, salmeando entoadamente; o mordomo-mor, a cavalo, e logo imediatamente o coche coberto de luto, em que ia o caixão, rodeado de moços da câmara com tochas; o estribeiro-mor; o capitão da guarda alemã; o coche de Estado, coberto de luto; os soldados da guarda, em duas alas rodeando os coches de Estado; e os soldados da guarda, também em duas alas, rodeando os coches de Estado e o em que ia o caixão.

10 Este trecho não parece conectado com os fatos narrados em seguida.

11 Não encontramos alguma alternativa consistente para a forma no original – “deRatos”. O adjetivo dourado poderia ser uma delas, apesar “desde o meado do século XVII até junho de 1833 o estandarte era todo carmesim com as suas armas reais e as da cidade” (Eduardo Freire de Oliveira. *Elementos para a história do município de Lisboa*. Lisboa: Tipografia Universal, 1882, p. 86). Mas, o brasão da cidade de Lisboa é composto de um escudo de ouro com um barco negro. Contudo, o comerciante adota, de modo quase invariável, a forma maiúscula para representar o som forte da letra “r”.

12 O comerciante confunde o dia do mês em que ocorreu esta cerimônia de quebrar os escudos – no dia 8, e não 10 de agosto – mas está correto quanto ao dia da semana, no sábado. A *Gazeta de Lisboa* assim a narra: juntou-se pela manhã o Senado de Lisboa assistido pelo barão de Alvito, seu presidente, e saiu da Câmara com os cidadãos e ministros de vara da sua dependência, em duas alas, “levando no meio três juízes de Órfãos da Repartição da Cidade e seu termo, cada um com seu escudo preto, tudo a pé vestido de luto rigoroso, e com varas negras. Precedente a todo este acompanhamento um dos procuradores da cidade vestido de grande luto montado em um cavalo coberto de negro com uma hóstia negra ao ombro, de que pendia uma bandeira da mesma cor tão comprida que arrastava pela terra uma grande parte, e em três tarimas que estavam levantadas e cobertas de luto, uma no Rocio junto às escadas do Hospital, outra no meio da rua Nova, e outra na praça da Santa Basílica, subindo a elas por seu turno os referidos juízes; disse cada um em vozes altas e inteligíveis estas palavras: “chorai, nobres, chorai, povo, que morreu o vosso rei D. João, o quinto de Portugal; e imediatamente quebrou cada um o escudo que levava, e o lançou no chão, dando-se fim a este fúnebre ato com as mais formalidades que em semelhantes ocasiões se praticam”. *Gazeta de Lisboa*, suplemento ao n. 33 (20 de agosto de 1750), pp. 638-639.

13 “Mazelo” compõe, hoje, apenas os derivados do antônimo desmazelo.

14 O sobrenome de fato do jesuíta era outro: Timóteo de Oliveira, cujo sermão de fato foi impresso e acha-se inserto na *Descrição fúnebre das exéquias que a Basílica Patriarcal*

setembro [do] dito ano também fizeram [sic] a minha Ordem Terceira de São Francisco da cidade [de Lisboa] grandes exéquias pelo dito nosso rei com grande zelo, com toda a igreja [de] preto {de tudo os custo}, com muitas grandes traves até a porta, toda com dois coros de músicas. Fez o sermão deste dia o meu comissário da dita minha Ordem grandemente, [e] também sairá impresso<sup>15</sup>; que também assistiram [sic] toda a corte, que gastaram com esta função 3.000 cruzados [isto é, 1:200\$000 réis].

Logo em três [do] dito mês também os padres da Companhia de São Roque fizeram grandes exéquias, também [com] grande zelo, com toda a igreja {a mirem} de preto até a porta com suas traves. Pregaram o padre Hipólito, da dita Companhia, [e] também o seu sermão há de sair impresso.

Em 10 de agosto de 1750 pelas [horas] da manhã, duas horas depois da missa neste [dia], sucedeu nesta cidade um grande incêndio de fogo no Hospital Real de Todos os Santos, que comeu todas as enfermarias e toda a igreja, todas as casas que foi [sic] do Hospital Real, que eu não vi outra [coisa igual], e não hei de ver.<sup>16</sup> Assim mais em 7 de setembro de 1750 se fez nesta cidade com grande \*graça, com grande estrondo, com grande alegria por todo o povo a aclamação do nosso rei novo senhor D. José primeiro. Fez-se grande varanda, toda comprida até o corpo da grande [?], toda bem amarrada com muito boa amarração. Houve muitas festas este dia por todas as igrejas e todos os conventos desta corte. Houve as suas missas do Espírito Santo, com o Santíssimo Sacramento exposto. Foi a entrada [da] sua aclamação, que assistiram todos os regimentos, toda a Câmara do Senado a dita varanda e toda a corte também, e todo o seu povo que foi à sua entrada. Adiante os reis, armas e logo atrás toda a corte, todos vestidos de gala, e logo atrás os três cardiais, e logo atrás o nosso rei vestido com sua capa branca, encima com sua urna encarnada toda lavrada de ouro com um cocar de plumas da cabeça, na mão com seu cetro de ouro, [e a]o pé dele os seus pagens que iam pegando a calda. Este é o conde-barão e conde [de] Atalaia<sup>17</sup>, e logo [a]o pé dele, o seu alferes-mor que [é] seu [porta-]estandarte. Este é o conde Vale de Reis<sup>18</sup> à parte esquerda, e logo à parte direito o nosso infante D. Pedro levava na mão seu alfanje e logo atrás os dois infantes, D. Antônio e D. Manuel, e logo atrás [de] tudo isto a Câmara toda do Senado; logo atrás de tudo isto o seu Juiz do Povo que foi logo da sua entrada. Foi grande [a] alegria, com muitas {corb[e]rtras} a levá-los, e logo depois de tomar o seu juramento, logo o seu povo derão [sic] o seu alvitre, que derão [sic] três alvitres<sup>19</sup>, e logo vieram seguindo todos da mesma sorte até a porta da igreja. Logo foi recebido e logo {e corpo de coruinid<sup>a</sup>} toda a Bas[í]lica pa[?]do [?] [?] {ha damas} e logo de tarde [e] à noite houve muita festa e muitas luminárias; que deram todos os navios e fortalezas sete salvas, e toda a lição {emtrequera} fizeram as suas funções bem, mas não custou nada.<sup>20</sup>

---

de Santa Maria dedicou à memória do fidelíssimo senhor rei D. João V. Lisboa: F. da Silva, 1750; começando na p. 55. A narrativa destas exéquias acha-se publicada pela Gazeta de Lisboa, suplemento ao n. 36 (10 de setembro de 1750), p. 716-720.

15 Trata-se da *Oração fúnebre que nas exéquias do muito alto, poderoso e fidelíssimo rei de Portugal D. João V, celebradas pela venerável Ordem Terceira da Penitência, na igreja do Real Convento de São Francisco da Cidade de Lisboa, em 2 de setembro do ano de 1750 disse e oferece a El-Rei nosso senhor D. José I o padre frei Antônio da Graça, comissário visitador da mesma venerável Ordem Terceira*. Lisboa: Oficina dos Herdeiros de Antônio Pedroso Galram, 1751.

16 Este incêndio também é narrado pela *Gazeta de Lisboa*. *Gazeta de Lisboa*, suplemento ao n. 33 (20 de agosto de 1750), pp. 638-640.

17 Trata-se, respectivamente: de Fernando José Lobo da Silveira Quaresma (1727-1778), 1o conde e 2o marquês de Alvito, e de João Manuel de Noronha (1679-1761), 6o conde de Atalaia.

18 Trata-se de Lourenço Filipe Nery de Mendonça e Moura (1705-1788), 5o conde de Vale de Reis.

19 No sentido antigo, de notícia, novidade.

20 A cerimônia de aclamação de D. José I é narrada pela *Gazeta de Lisboa*, n. 37 (15 de setembro de 1750), pp. 727-732.